Conjuntura, eleições presidenciais e a psiquiatrização da extrema-direita: notas para o debate

Rachel Gouveia Passos
Pós-doutoranda em Direito pela PUC-Rio; professora da graduação e da pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); colaboradora do programa de pós-graduação em Política Social da Universidade Federal Fluminense (UFF); coordenadora do Projeto de Pesquisa e Extensão "Luta Antimanicomial e Feminismos" e do Projeto de Pesquisa e Extensão "Encruzilhadas: diálogos antirracistas"

Resumo: O presente artigo visa apresentar elementos que problematizem o pedido de "intervenção psiquiátrica" para os apoiadores de Jair Bolsonaro no contexto de pós-eleições presidenciais de 2022. Questionamos a atualização de um discurso manicomial por parte do campo progressista, reduzindo a disputa de projetos de sociedade a patologias psiquiátricas. Nesse caminho, apresentamos a conjuntura que propiciou tal discurso, a disputa das concepções de saúde mental e a urgência de desnazificar o país.
Palavras-chave: Extrema-direita; Bolsonarismo; Psiquiatria; Saúde mental.

CONJUNCTURE, PRESIDENTIAL ELECTIONS AND THE PSYCHIATRIZATION OF EXTREME RIGHT: NOTES FOR THE DEBATE

Abstract: This article aims to present elements that problematize the request for "psychiatric intervention" for supporters of Jair Bolsonaro in the context of the post-presidential elections of 2022. We question the update of an asylum discourse on the part of the progressive field, eagerly disputing social projects with psychiatric pathologies.In this way, we present the situation that led to such a speech, the dispute over mental health concepts and the urgency of denazify the country.
K**eywords:**Extreme rightMolsonarism; Psychiatry; Mental health.

As eleições de 2022 foram marcadas pela disputa acirrada de projetos de sociedade que se colocam de maneira antagônica. Por um lado, a extrema-direita representada pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e seus apoiadores e, por outro, uma grande frente em defesa da democracia, tendo na figura de Luiz Inácio Lula da Silva, sua liderança. Cabe salientar que tivemos um processo eleitoral intenso e com muita tensão e exaltação, levando a uma polarização da população.

Até à posse do presidente Lula, realizou-se um processo de transição de governo que precisava mapear de maneira responsável e transparente as condições reais e concretas dos estragos institucionais realizados por Bolsonaro. Em contrapartida, foi necessário lidar com angústias e manifestações daqueles que não aceitaram a derrota do seu "mito". Podemos dizer que, desde o dia seguinte à apuração dos votos no segundo turno, foram vistas, em todo o país, inúmeras manifestações dos descontentes, seja fechando estradas, agredindo apoiadores do Lula, seja fazendo apologia ao nazismo.

Em entrevista concedida pela pesquisadora Adriana Dias, principal referência no país sobre nazismo na atualidade, apontou-seo crescimento de 270% de grupos neonazistas entre 2019-2021, sendo identificados 530 núcleos extremistas espalhados em todo território nacional.[1] Além disso, Dias (2021) também chama a atenção para a ligação de Bolsonaro com o nazifacismo. Tanto o comportamento, o discurso e as vinculações institucionais apresentam características factíveis quanto a descoberta da conexão entre o ex-presidente e três *sites* de grupos neonazistas, por meio de uma carta divulgada em 2004.Tais fatos demonstram que estamos diante de grandes desafios.

Importante destacar que o bolsonarismo é uma expressão do autoritarismo brasileiro, apresentando características particulares, e que vai para além da figura de Jair Bolsonaro. Conforme assinalam Araújo e Carvalho (2021, p. 151), "o Bolsonarismo constitui um fenômeno sociopolítico, resultante da convergência de forças constitutivas da direita e da extrema-direita no Brasil". Além disso, traz "à baila marcas históricas da formação social brasileira e da nossa própria cultura política, materializadas no conservadorismo, no machismo, no racismo, na misoginia, nas discriminações de múltiplas naturezas".

De acordo com Carvalho*et al*. (2020), o bolsonarismo é resultado de uma composição de diferentes

vertentes que disputam internamente as forças sociais, sendo elas: o ultraneoliberalismo, o militarismo e o reacionarismo político-cultural hibridizado com um fundamentalismo religioso intolerante. "Indiscutivelmente, é nesta simbiose de direitas, de crise, de reacionarismo, de marcha autoritária, de políticas ultraneoliberais e contrarreformas, de inseguranças e instabilidades, que se constitui o 'Bolsonarismo' como um 'ponto de chegada' do Golpe de 2016" (CARVALHO *et al*., 2020, p. 145).

Lowy (2016) aponta que o golpe de Estado parlamentar de 2016 foi uma farsa trágica protagonizada por parlamentares reacionários e corruptos. Importante assinalar que a principal aliança da direita esteve sendo representada pela bancada BBB: "'da Bala' (deputados ligados à Polícia Militar, aos esquadrões da morte e às milícias privadas), 'do Boi' (grandes proprietários de terra, criadores de gado) e 'da Bíblia' (neopentecostais integristas, homofóbicos e misóginos)" (LOWY, 2016, p. 65). Além disso, um dos atores mais empolgados com a queda de Dilma era Jair Bolsonaro, que esteve dedicando seu voto no processo de *impeachment* ao coronel Brilhante Ustra, um dos torturadores da ditadura militar. "Uma das vítimas de Ustra foi Dilma Rousseff, que no início dos anos 1970 era militante de um grupo de resistência armada" (LOWY, 2016, p. 65).

Atos desse tipo protagonizados por Bolsonaro não foram combatidos com o devido rigor, o que foi gerando um certo "costume" das barbaridades. Ao mesmo tempo, tivemos uma ascensão do antipetismo radicalizado desde 2015, "deixando de lado as ilusões de que o Judiciário poderia resolver os problemas do sistema político e passando a apostar nos militares como arautos da ordem" (CARAPANÃ, 2018, p. 34). Esses aglomerados de fatos e discursos apenas fortaleceram a ascensão da extrema direita que traz em suas bases o conservadorismo, liberalismo e reacionarismo, somando-se ao casamento com o nazifascismo.

Contudo, precisamos demarcar que, após as eleições presidenciais de 2022, tivemos tanto as contestações da extrema-direita, com comportamentos considerados "bizarros" e estranhos, quanto o pedido de intervenção psiquiátrica pelo campo progressista. Alguns atos dos bolsonaristas foram lidos como supostos surtos psicóticos. Ao propagar um discurso que convoca bases manicomiais, reproduziu-se uma lógica que aniquila os sujeitos e suas escolhas, além de afirmar a contenção, a violência, o isolamento e o tratamento para aqueles considerados pessoas em sofrimento ou adoecimento psíquico. Ou seja, individualizou-se a disputa de projetos escondendo os reais problemas.

Desejamos problematizar pelo menos duas questões: 1°) o saber/poder da psiquiatria e do aparato institucional; e 2°) a suposta "loucura" dos bolsonaristas. Primeiramentecabe destacar que a psiquiatria, no Brasil, sempre foi acionada como saber/poder para operar na efetivação de um projeto de nação. Inclusive, o manicômio serviu para aprisionar e torturar presos políticos. Nomear a extrema-direita de "louca" apenas perpetua toda a lógica da destruição promovida pelo aparato manicomial e operada pelo pensamento conservador. Logo, temos que reconhecer que uma parcela significativa da população brasileira acredita que negros são inferiores, mulheres merecem ser estupradas, nordestinos só prestam para servir, LGBTs devem ser curados e adolescentes negros devem ser mortos ou encarcerados.

O sofrimento e adoecimento psíquico não podem ser banalizados. Existem pessoas que necessitam de suporte diário de profissionais e equipamentos especializados para poder gerir sua vida. Óbvio que há muito preconceito em relação ao tema e às pessoas identificadas como "loucas". Tanto que a reforma psiquiátrica e a luta antimanicomial buscam dialogar constantemente com a sociedade para desconstruir a noção de "loucura" e afirmar que o cuidado em saúde mental deve ser realizado em liberdade e garantido por políticas públicas para quem precisar.

A psiquiatrização da existência retirou dos considerados "doentes mentais" o reconhecimento da cidadania, uma vez que não respondem por si e são dotados de uma "desrazão". Logo, o manicômio e seu aparato – a violência, o saber e poder médicos, a internação e o isolamento – sempre fizeram parte da estratégia de intervenção para essa população. E sabem quem sempre esteve por lá? Os negros, as mulheres, os LGBTs, a população pobre e em situação de rua, ou seja, todos aqueles que a extrema-direita rejeita e deseja exterminar (PEREIRA; PASSOS, 2017; PASSOS, 2018).

Salientamos que a saúde mental vem sendo disputada, principalmente em relação a projetos, concepções e políticas públicas, seja pelo mercado, seja pelas entidades profissionais, seja ainda pelos movimentos sociais. Dessa maneira, temos no país quatro projetos em disputa: 1°) a psiquiatria tradicional protagonizada pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP);2°) o conservadorismo religioso desempenhado pelas comunidades terapêuticas; 3°) a reforma psiquiátrica "simpática" aos interesses do grande capital; 4°) a reforma psiquiátrica radical, pautada naluta antimanicomial (PASSOS, 2017; PASSOS, 2022).

Em segundo lugar, afirmamos que a suposta "loucura" dos bolsonaristas deve ser reconhecidacomo parte de um projeto de sociedade.Vejamos. No domingo, dia 8 de janeiro de 2023, exatamente uma semana após a posse do presidente Lula, vivemos no país atos de invasão, destruição, ataques e danos aos prédios do Supremo Tribunal Federal, Palácio do Planalto e Congresso Nacional. A devastação do patrimônio público federal simboliza uma afronta ao Estado Democrático de Direito, às instituições e aos representantes eleitos. Não podemos deixar de lembrar que, desde setembro de 2022, apoiadores de Bolsonaro estiveram acampados em Brasília para pedir intervenção militar. Pois é, a suposta insanidade manifestou-se na capital: a faceta do golpe.

Já para Cavalcante (2023), o 8 de janeiro foi uma "insurreição neofascista", sendo um ataque direto e planejado contra o novo poder constituído, protagonizado por uma massa de "gente que defende a família, a ordem e os bons costumes", além do apoio oriundo dos quartéis militares para as bases acampanadas em Brasília ou em outras cidades. Atualmente, ocorre uma busca incessante paraidentificar os responsáveis pelo planejamento e financiamento desses atos antidemocráticos.

Entretanto, precisamos compreender como se manifestam a manipulação das massas nesse novo cenário e a propagaçãodo discurso plantado pelo bolsonarismo que ganhou capilaridade ao manifestar ódio, intolerância, violência, dogmatismo, práticas e discursos reacionários, desqualificação e intolerância das mais diversas. Há uma similaridade coletiva que não pode ser negada nem colocada como "loucura", pois tais características são basilares do fascismo.

Freud, em seu texto "Psicologia das massas", nos mostra como as massas se formam, assimilam o discurso do líder e se sujeitam à obediência. Importante assinalar que "líderes adquirem importância pelas ideias de que eles mesmos são fanáticos" (FREUD, 2011, p. 30), demonstrando o quanto precisam corresponder às necessidades das massas. Além disso, "as massas nunca tiveram a sede da verdade. Requerem ilusões, às quais não podem renunciar" (p. 29). Dessa forma, aquilo que foi denominado de "loucura" faz parte de uma produção coletiva do inconsciente que mobiliza uma massa impulsiva, volúvel e excitável. A falta de criticidade, o ódio, a impulsividade e os extremos são características encontradas nos bolsonaristas e precisam ser entendidas não como um adoecimento psíquico,mas, sim, como assimilação e pertença a um grupo.

Apontamos que não é mais possível denominar atos que atentam contra a democracia como meras atitudes insanas e supostamente doentes. Vivemos uma tentativa de golpe afirmada pelo nazifascismo e que tem como principal articulador a figura de Jair Bolsonaro. O discurso de ódio e destruição precisa ser combatido severamente, inclusive porque a não atuação da Polícia Militar do Distrito Federal demonstrou o quanto o fascismo se encontra no interior das instituições, em especial, no braço armado do Estado.

Dessa maneira, queremos sinalizar alguns desafios que são urgentes e imediatos. Podemos dizer que desnazificar o país está no topo das questões. Com o avanço significativo de discursos, atitudes e agrupamentos nazifascistas, é necessário pensar estratégias de desmobilização. SegundoUrzêda-Freitas (2023), "para desnazificar o 'gigante'" é preciso reconhecerque foi no contexto de 2013 que o nazifacismo despertou, ganhando fôlego no contexto pós-golpe parlamentar, em 2016, e ocupando a institucionalidade em 2019.

O autor, em sua análise, propõe quatro estágios para desnazificar o Brasil. O primeiro estágio ocorre a partir do reconhecimento de que o nazifascismo é um projeto de sociedade que não foi eliminado no pós-Segunda Guerra Mundial. Ou seja, nazismo e fascismo ganham novas roupagens em contextos e tempos diferentes, atualizando seus significantes político-sociais com novos contornos.

Já no segundo estágio, a linguagem nazifascista atualizada por Jair Bolsonaro pode ser vista de diferentes maneiras e aqui explicitamente localizada no lema: "Deus, Pátria e Família". Para Urzêda-Freitas (2013), as circunstâncias de 2013 possibilitaram a livre circulação dessa elocução na dinâmica das relações sociais e institucionais, sendo incorporada na dinâmica político-social das classes dominantes com fôlego. Em relação ao terceiro estágio, só será possível a partir do reconhecimento "de que a linguagem nazifascista brasileira, na contramão do que se pode imaginar, não é um feito bolsonarista" (URZÊDA-FREITAS, 2023). Ou seja, ao recuperarmos a divisão do sistema mundo, identificamos que o nazismo atualiza métodos coloniais, o que faz parte da composição basilar da formação social brasileira. A ótica da hierarquia racial faz-se presente em nossas raízes.

> O que é preciso extrair desse terceiro estágio é o fato de que a precarização e extermínio de corpos indesejados pelo Estado sempre foi um método de organização político-social no Brasil, além de funcionar como dispositivo de manutenção e controle do frágil sistema democrático brasileiro; um sistema que

> (re)nasce de conluios obscenos com os militares e que se move a partir dos interesses mórbidos das classes dominantes. Nesse sentido, parece inapropriado, então, dizer que Bolsonaro nazificou o Brasil, já que o que ele fez foi criar condições para que o nosso ethos nazifascista se projetasse de um não-lugar para o centro da realidade social (URZÊDA-FREITAS, 2023).

O autor propõe como último estágio "o desenvolvimento de uma consciência linguística crítica" (URZÊDA-FREITAS, 2013). Isso significa construir uma leitura que identifique os repertórios nazifascistas e sua propagação na dinâmica da vida e, também, na construção de estratégias de enfrentamento dessa linguística que se faz presente nos diferentes campos e debates, em destaque, na saúde mental, o álcool e as drogas.

Dessa maneira, quando o campo progressista aciona a intervenção psiquiátrica para os bolsonaristas, temos a atualização de um discurso que tem bases similares às do nazifascismo: a hierarquização e destruição das diferenças. Isso mesmo, o saber/poder psiquiátrico clássico emergiu na sociedade moderna carregado de valores colonialistas e racistas, o que exige muita atenção aos discursos que atualizam a contenção de corpos e subjetividades considerados irracionais e perigosos.

Portanto, faz-se urgente o reconhecimento e a ampliação do debate construído pela reforma psiquiátrica e a luta antimanicomial, já que tratar de saúde mental é disputar projetos, concepções, éticas, valores e posturas individuais e coletivas. A extrema-direita nunca foi "louca" e, sim, estratégica e destruidora, afirmando o aniquilamento como prática e discurso dos considerados diferentes. Logo, qual projeto defendemos? O da afirmação da vida ou da sua destruição?

Referências

ARAÚJO, M.S.S.; CARVALHO, A.M.P. Autoritarismo no Brasil do presente: bolsonarismo nos circuitos do ultraliberalismo, militarismo e reacionarismo. **Revista Katálysis**, v. 24, n. 1, p. 146-156, jan./abr., 2021.

CARAPANÃ. A nova direita e a normalização nazismo e do fascismo. *In*: GALLEGO, E.S. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil.**São Paulo: Boitempo, 2018.

CARVALHO, A.M.P. *et al.* A crise capitalista, o avanço da direita no continente latino-americano e os desafios para a resistência. **Revista de Políticas Públicas**, v.24, p. 129-149, 2020.

CAVALCANTE, S. O dia 8 de janeiro como insurreição neofascista. **Jornal da UNICAMP**, Campinas, 2023. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/o-dia-8-de-janeiro-como-insurreicao-neofascistaAcesso em: 8 fev. 2023.

DIAS, A. **Entrevista – Adriana Dias: Bolsonaro e o neonazismo. Uma relação comprovada.** Fundação Perseu Abramo, 2021. Disponível em: https://fpabramo.org.br/focusbrasil/2021/08/15/entrevista-adriana-dias-bolsonaro-e-o-neonazismo-uma-relacao-comprovada/Acesso em: 8 fev. 2023.

FREUD, S. (1856-1939). **Psicologia de massas e análise do eu e outros textos (1920-1923).** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LOWY, M. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. *In*: JINKINGS, I.; DORIA, K. (orgs.). **Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2016.

PASSOS, R.G. Luta Antimanicomial no cenário contemporâneo: desafios atuais frente a reação conservadora. **Revista Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 23, n. 2, p. 55-75, jul.-dez., 2017.

PASSOS, R. G.Holocausto ou Navio Negreiro?: inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. **Revista Argumentum**, Vitória, v. 10, n. 3, p. 10-22, set.-dez. 2018.

PASSOS, R. G. Reforma Psiquiátrica Brasileira e a Fetichização Antimanicomial do Estado Classista, Racista e Patriarcal. In: CRUZ, A.; SARMENTO, D.; RIOS, R.R.(orgs.). **Desigualdade: o flagelo do Brasil.** São Paulo: Migalhas, 2022.

PEREIRA, M.O.; PASSOS, R.G. **Luta Antimanicomial e Feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a Reforma Psiquiátrica brasileira.** Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

URZÊDA-FREITAS, M.T. Para desnazificar o "gigante". **Le Monde Diplomatique**, acervo on-line, Brasil, 2023. Disponível em: https://diplomatique.org.br/para-desnazificar-o-gigante/ Acesso em: 8 fev. 2023.

Nota

[1] Disponível em: https://www.cfemea.org.br/index.php/pt/?view=article&id=5400:o-neonazismo-e-mais-forte-no-brasil-do-que-a-gente-imagina-alerta-especialista&catid=564.Acesso em: 8.2.2023.